

Índice

Prefácio.....	11
<i>Kátia Guerreiro</i>	
Saudade.....	17
Fado.....	23
Um Pouco de História.....	31
Hino a Rosália	41
Amália.....	43
As Novas Divas	53
Dulce Pontes	54
Kátia Guerreiro.....	57
Ana Moura.....	61
Carminho	62
Marina	63
Mariza	65
Cristina Branco	68
Mulheres... e Homens, Também.....	73
A Guitarra Portuguesa	81
Amadoras e Amadores	89

Fado e Tourada	99
Hino aos Forcados de Alcochete	113
Saudade.....	115
Há uma Música do Povo	123
Fado, um Outro Olhar.....	125
<i>Entrevista Contraditória com Daniel Gouveia</i>	
Anexo – Marcos Históricos	143
Bibliografia.....	147

Prefácio

Pede-me Rémi para dar início a este fantástico texto que procura expressar a sua própria experiência no Fado. Documenta-se bem e não deixa de revelar esta dificuldade, que todos nós temos, em explicar o mistério desta forma de musicar emoções.

Desde sempre, o Fado cantou histórias e continua a fazê-lo. Se inicialmente eram as típicas histórias de bairro, hoje o Fado canta a vida de um povo que não é só de Portugal. Por isso mesmo, depois de Amália ter rasgado todas as fronteiras e aberto todos os caminhos, no mundo inteiro encontram-se apaixonados pelo estilo musical que teve como berço Lisboa.

É mistério para nós, fadistas, esse encantamento que se avoluma após cada concerto, ano após ano. Faz-nos, a todos os portugueses, questionar o que terá de tão especial este som. Procuro entender isto como sendo o Fado o melhor aporte de emoções íntimas a quem o escuta, num mundo cada vez mais global, onde o tempo e a disponibilidade para sentir, olhar e perceber o que nos envolve é mais curto. São os momentos de encontro com este nosso valor cultural que permitem o reencontro com a essência



Prefácio

Rémi Boyer revela-se fadista, muito fadista. Primeiro ao apaixonar-se como todos nós fadistas pelo Fado, depois ao mergulhar nestes recantos de sentimentos estranhos e intensos aventurando-se, e bem, em transformar a sua experiência em palavras que ficam.

Vale a pena perceber através deste livro que o fado deixou de ser só português. Graças a todas e todos os fadistas portugueses que se entregam pelo mundo fora em palcos que os acolhem para dar voz, corpo e alma à música que acolhe voz, corpo e alma de todos os fadistas do mundo inteiro.

KÁTIA GUERREIRO
Lisboa, 12 de Fevereiro de 2010



Foto © Pedro Ferreira

Saudade

*Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo
como o sono de mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa
ou nem uma coisa nem outra.*

FERNANDO PESSOA,
Tabacaria

A *Saudade*¹ é o espírito da Terra de Portugal.

A *Saudade* está no movimento espiralar dos tempos de Portugal, tempo dos espinhos, tempo das rosas, tempo dos lírios.

¹ A etimologia dessa palavra intraduzível é complexa. A palavra *saudade* provém do latim. Evoca ao mesmo tempo a noção de solidão, de *solitudinem*, o exílio de si, e a de *solitatem*, solidão física e, por extensão, social. A passagem de *soli-* a *sau* poderia remeter para as duas palavras latinas *salutem*, «saudação», e *salutem*, «salvação». Ora, é desses quatro sentidos que se trata na *Saudade*, nomeadamente com Fernando Pessoa.



Fado

2 5 de Outubro de 2009. Lisboa. 22 Horas. 22 Graus. Deambulamos pela tepidez de Alfama em busca de um Fado que seja um Fado. Apelo à Saudade.

O Fado³ tem de ser merecido. Procuramos. Passamos por grupos de turistas que, mesmo neste final de época estival, ainda enchem as vielas diante das casas de Fado. Sentir, chamar, evocar. Esperar por ele e aspirar a ele. Deixar jogar o acaso sem deixar que ele nos finte. Paramos, voltamos, desviamos, hesitamos, andamos em círculo, procuramos o centro. Perseguimos a felicidade em espiral.

De súbito, algumas notas de guitarra portuguesa trazidas por uma corrente de ar. É a música do Fado que se quer estender até aos limites extremos da consciência, afastar o grosso, o vulgar, o

³ A palavra «fado» provém etimologicamente do latim *fatum*, que remete para o destino, para a fatalidade. Agnès Pellerin, que escreveu de forma notável sobre o Fado, fala de uma «incisão do destino» e aponta o paradoxo entre inexorabilidade e liberdade.





Cristina Branco. Foto © Walther Neuhaus

alma que pinta a vida com palavras e com música. Cada canção é então uma pintura viva que fala e convida. É a obra de uma poetisa. Para ela, o destino não é algo do qual não possamos fugir, a Saudade não é a nostalgia de um passado perdido, nem um conceito, mas uma dinâmica criadora que faz parte da vida, capaz de gerar mudanças benéficas.

Cada uma destas mulheres fadistas é atípica. Cada uma é única. Pensamos em Amália para tipificar e para personificar o Fado, mas a própria Amália era atípica. Muitas vezes, ela perturbou a ordem estabelecida do Fado.

É doce, de uma doçura pastoral, pensar que este panteão de divas, tão diferentes umas das outras,

